

INFOCRACIA: BYUNG-CHUL HAN E IMPACTOS DA DIGITALIZAÇÃO DA VIDA NA DINÂMICA DEMOCRÁTICA

INFOCRACY: BYUNG-CHUL HAN AND THE IMPACTS OF THE DIGITALIZATION OF LIFE ON DEMOCRATIC DYNAMIC

Rosemary Segurado

Doutora em Ciências Sociais pela PUCSP, Pós-doutora em Comunicação Política pela Universidad Rey Juan Carlos de Madrid. Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUCSP e pesquisadora do NEAMP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da PUCSP).
E-mail: roseseg@uol.com.br

Infocracia: Digitalização e a crise da democracia - Byung-Chul Han
Infocracy: Digitalization and the crise of democracy - Byung-Chul Han

RESUMO: A resenha de Infocracia apresenta os principais conceitos utilizados pelo autor na reflexão sobre o processo de digitalização da vida contemporânea e seus impactos na democracia. A contextualização da obra é fundamental para se compreender as referências que influenciaram o pensamento filósofo sul-coreano, expoente da filosofia contemporânea. A obra apresenta uma análise potente sobre a sociedade atual, abordando o uso dos Big Datas, da inteligência artificial, da programação algorítmica e as redes sociais nos processos políticos do início do século XXI.

Palavras-chave: Infocracia. Digitalização. Vigilância. Capitalismo De Informação. Democracia.

ABSTRACT: Infocracy's review presents the main concepts used by the author in his reflection on the digitalization process of contemporary life and its impacts on democracy. The contextualization of the work is essential to understand the references that influenced the thinking of the South Korean, an exponent of contemporary philosophy. The work presents a powerful analysis of today's society, addressing the use of Big Data, artificial intelligence, algorithmic programming and social networks in the political processes of the early 21st century.

Keywords: Infocracy. Digitalization. Surveillance. Neoliberalism. Democracy.

Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano, naturalizado na Alemanha já faz parte daquela constelação de autores com reflexões presentes nas salas de aula, rodas de conversa, grupos de estudos e outros espaços de debates do público brasileiro. Nascido em Seul, estudou metalurgia na universidade coreana, mas seu interesse pela filosofia e pelas artes, após ter decidido migrar para a Alemanha.

Cursou filosofia na Universidade Friburgo e na Universidade de Munique estudou literatura e teologia alemã. Em 1994 concluiu seu doutorado sobre o filósofo Heidegger e passou por algumas universidades até se estabelecer como professor da Universidade de Artes de Berlim. Autor de diversos livros, traduzidos em muitos países, sua obra alcançou repercussão admirável.

No Brasil, a editora Vozes, publicou até o presente momento, 19 obras. Algumas delas com grande êxito editorial. Se buscarmos um eixo comum nessas obras, podemos pensar que elas abordam questões entrelaçadas na dinâmica da sociedade contemporânea, uma sociedade marcada por um narcisismo, pelo hedonismo, pelo fascínio nas redes sociais, que nos faz procurar incessantemente a visibilidade, a transparência e, paralelamente, abandonar cotidianamente nossa privacidade. Suas obras abordam temas que envolvem reflexões sobre as relações entre tecnologia e as forças econômicas capitalistas, particularmente a dinâmica do trabalho contemporâneo, oferecendo análise crítica sobre os impactos do neoliberalismo na vida humana. Para o autor, esse sistema é mais individualista e gera formas de competição excessiva entre os indivíduos.

É considerado um dos filósofos mais influentes do pensamento contemporâneo e se notabiliza por sua crítica contundente ao capitalismo, à sociedade do trabalho e à tecnologia, enfatizando que o regime neoliberal e a digitação passaram a ocupar a centralidade das formas de dominação da atualidade.

A crítica à tecnologia não o coloca como opositor aos dispositivos tecnológicos, mas como o autor busca deslocar a reflexão dos leitores sobre os processos de digitalização, considerados um dos pilares de sustentação do sistema capitalista. A partir dessa perspectiva, o autor é enfático ao afirmar que a ascensão das redes sociais, os imensos bancos de dados e as diversas formas de conectividades estão fazendo com que os indivíduos se sintam cada vez mais solitários, mesmo que altamente conectados.

O pensamento de autores como Michel Foucault, Hannah Arendt, Jurgen Habermas, Walter Benjamin, Friedrich Nietzsche, George Orwell, entre outros, atravessa a reflexão de Han em *Infocracia* e, ao mesmo tempo em que apresenta alguns conceitos com rapidez, às vezes de forma enigmática e até mesmo imprecisa, usa os conceitos como ferramentas para problematizar, para lançar farpas, provocar leitoras e leitores, instigando-os para a busca de formas desviantes em relação a um certo deslumbramento frente ao processo de digitalização da vida.

Suas obras se diferenciam dos tratados clássicos da filosofia por serem curtas, com algum grau de densidade, e até mesmo frases de efeito que não chegam a prejudicar os conteúdos abordados, mas provocam ressonâncias e radicalidade crítica.

Em *Infocracia*, o autor analisa o regime de informação e diz que ele substituiu o regime disciplinar, recuperando os estudos de Michel Foucault, principalmente em *Vigiar e Punir*, que analisou a forma como o capitalismo industrial explorava os corpos e energias dos indivíduos ao ponto de os transformarem em corpos dóceis para a produção. Han nos aponta que no regime de informação, vivido no capitalismo contemporâneo, a exploração dos dados ocupa a centralidade das dinâmicas do sistema. O regime disciplinar corresponde a forma de dominação do capitalismo industrial produzindo uma espécie de adestramento do comportamento humano, transformando em uma espécie de animal do trabalho.

Na contemporaneidade “O regime de informação está acoplado ao capitalismo da informação, que se desenvolve em capitalismo de vigilância e degrada os seres humanos em gado, animais de consumo de dados”(HAN, 2022: p.7). Ao analisar o capitalismo informacional, demonstra que suas bases são a comunicação e a conexão, portanto, há uma mudança de estratégias do próprio sistema, tornando obsoletas as técnicas disciplinares como o isolamento espacial e o adestramento corporal. Se na sociedade disciplinar analisada por Foucault, a estrutura panóptica era a expressão do regime disciplinar que proporcionava a vigilância dos corpos individuais e coletivos, Han afirma que no regime de informação, a vigilância ocorre por meio do dado. E poderíamos dizer que as big techs ocupam um lugar central nesse capitalismo de plataformas(SRNICEK, 2017).

As pessoas deixam se ser alvo da coação disciplinar impostas pela visibilidade panóptica porque passaram a se entregar voluntariamente à vigilância, passaram a se produzirem para serem vistas. Significa dizer que a disciplina foi interiorizada e a vigilância não é mais uma exterioridade.

Ao contrário. “Transparência significa a política do se tornar visível do regime de informação”(HAN, 2022: P. 14). Tudo fica visível e disponível sobre a forma de informação.

A exemplo disso podemos ver o crescimento vertiginoso de influencers nas plataformas digitais. O influencer é uma espécie de profissão do capitalismo contemporâneo: podem abordar qualquer temática, da moda às viagens, passando por astronomia, educação e, claro, são grandes atuantes da política e emitem suas opiniões como mantras a serem seguidos, pelos seus followers. Han define os followers como discípulos, o que chama de uma espécie de eucaristia digital, afirmando que as mídias sociais se assemelham a uma igreja. Essa é uma boa pista para ser seguida e aprofundada, e não se trata do uso das mídias sociais pela religião, mas quanto a mídia social se transforma em religião, gerando fundamentalismos e práticas que se assemelham às seitas, aos extremismos.

Os impactos políticos das mídias digitais vêm se tornando foco de pesquisas e reflexões, principalmente na última década, considerando que alguns alertas já estavam presentes antes mesmo dos conhecidos episódios de uso das tecnologias digitais e redes sociais nas eleições americanas e no plebiscito do Brexit no Reino Unido, ambos ocorridos em 2016. Para Han “a democracia degenera em infocracia”(HAN, 2022: P.25), identificando o fim da esfera pública democrática, analisada pelo filósofo alemão Habermas, caracterizada por um público leitor, detentor de uma cultura livresca, que desde o século XVIII e, mais intensamente a partir do XIX, caracterizava os espaços de debates, com fundamentos capazes de construir discursos racionais. A esfera pública habermasiana foi substituída pela midiocracia, que Habermas também já caracterizava como responsável pelo declínio da esfera pública democrática.

Outro aspecto fundamental levantado pelo autor que nos ajuda a compreender o mal-estar da sociedade democrática nas primeiras décadas do século XXI é o papel da comunicação afetiva, ou seja, é o tipo de comunicação em que não se privilegiam os argumentos, os fatos, mas os efeitos que esses afetos acionados podem causar. Nessa perspectiva se insere um dos fenômenos mais preocupantes das democracias que é o impacto da desinformação, das notícias falsas no debate e na ação política. Se o debate, o diálogo, são considerados pilares fundamentais das democracias liberais, essa conversação se demonstra cada vez mais ameaçada pela profusão de práticas desinformativas que dão sustentação às ações de lideranças, partidos políticos e movimentos de extrema direita.

A desinformação atua nas redes orientada pela economia da atenção, quanto mais atenção se obtém com as postagens, mais influência se produz no debate social e político. Desse modo, há uma espécie de vale-tudo para atrair a atenção, desde teorias da conspiração, discurso de ódio, trolls, entre outras técnicas. Bots sociais são algumas das formas de geração de ambiente radicalizado, polarizado que bloqueia o debate e mantém os indivíduos em bolhas nas quais só se tem acesso às (des)informações que corroboram com as visões de mundo que já temos e que precisam apenas serem confirmadas, referendadas. A política se torna cada vez mais disputa de narrativas, guerra de informações, e as big techs, as plataformas, cada vez mais trabalham para a coleta de dados para algoritmizar o debate social, sem se preocupar com a morte da política(MOROZOV, 2018). Verifica-se, portanto, que a conversação, o debate, o diálogo estão distorcidos pelas operações realizadas pelos algoritmos oportunistas, sinalizadas por Han a partir da definição da matemática Cathy O’Neil(2021).

Analisando os motivos pelos quais se verifica o aumento exponencial da produção e disseminação de desinformação, Han afirma que estamos vivendo uma espécie de crise da factualidade, momento em que a verdade de facto deixa de ter importância, como nos ensina Arendt. Opiniões sem fase factual, travestidas de liberdade de expressão, geram constantemente a desconfiança, vivenciamos uma sociedade da desconfiança constante, fator que interessa a lideranças políticas como Trump, que afirmava ter fatos alternativos. Quando todos podem ter seus próprios fatos alternativos e opinarem sobre qualquer tema, verificamos que a verdade factual perde relevância e os impactos são incalculáveis. “Na crise da verdade, perde-se o mundo comum, a

linguagem comum. A verdade é um regulador social, uma ideia regulativa da sociedade (HAN, 2022: p.83).”

Com uma crítica contundente aos dataístas que acreditariam na possibilidade de um mundo sem política, sem conflitos de classes, uma espécie de pós-democracia digital, que para Han seria a infocracia. Aqui os políticos dão lugar aos técnicos informáticos que teriam sim a competência de administrar a sociedade e a tomada de decisões se daria a partir do e Big Data e da inteligência artificial. Significa dizer que a infocracia pode ser entendida como uma tendência da sociedade contemporânea balizada pelo capitalismo de plataforma que é impulsionada pela leitura dos dados, dados esses disponibilizados por nós mesmos nas diversas atividades realizadas cotidianamente em nossos dispositivos digitais, através dos quais deixamos nossas pegadas, informações que ao passarem pela lógica algorítmica e pelos processos de inteligência artificial pode chegar a dizer muito sobre nossos pensamentos e desejos.

São novas formas de dominação, ou, como afirma Han: “a comunicação dirigida pelos algoritmos nas mídias sociais, não é nem livre, nem democrática (...) o smartphone é aparato de submissão” (HAN, 2022: p. 48).

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Verdade e política in: Entre o passado e o futuro, 7ª. ed., São Paulo: Perspectiva, 2011

BENJAMIN, Walter, A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica, Porto Alegre, LPM, 2019

FOUCAULT, Michel, Vigiar e Punir, Petrópolis: Vozes, 2007

HABERMAS, Jurgen, Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003

HAN, Byun-Chul, Infocracia: digitalização e a crise da democracia, Petrópolis: Vozes, 2022

MOROZOV, Evgeny, Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política, São Paulo: Ubu, 2018 (p.7 a 101)

NIETZSCHE, Friedrich, Fragmentos póstumos 1869-1874, Berlin/Nova York, 1980, tomo 7, 1980

O'NEIL, Cathy, Algoritmo de destruição em massa, Rio de Janeiro: Rua do Sabão, 2021

ORWELL, George, 1984, Petrópolis: Vozes, 2022

PARISIER, Eli, O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você, Rio de Janeiro, Zahar, 2012

SRNICEK, Nick, Platform capitalism, Cambridge: Polity Press, 2017

ZUBOFF, Shoshana, A era do capitalismo de vigilância, Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011